

## A LÍNGUA PORTUGUESA DE JORGE SÉRGIO L. GUIMARÃES

DIOGO MADEIRA<sup>1</sup>; TATIANA LEBEDEFF<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – madeira.azrael@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– tblebedeff@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar o livro de crônicas *Até onde vai o surdo* de Jorge Sérgio L. Guimarães (1961), escritor surdo desconhecido para a comunidade surda. As crônicas compiladas no livro foram publicadas, originalmente, em três periódicos: *O Globo*, *News Shoppings do Rio* e *Jornal das Moças*. Através das crônicas é possível compreender as representações da surdez vigentes nas décadas de 50 e 60 do século XX, no Brasil.

No contexto do escritor surdo, sua escrita retrata um período muito descrito pelos ouvintes e, pouco pelos surdos. As teorias de Karnoff (2004) e Chartier (2014) auxiliaram na compreensão da trajetória e da produção escrita de Sérgio Guimarães.

### 2. METODOLOGIA

Para analisar o conteúdo das crônicas foi realizada a redução temática, que se constitui em um procedimento gradual de redução do texto qualitativo. As reduções operam com generalização e condensação do sentido. A análise das crônicas pela redução temática tem, como produto final, uma interpretação que pode ser considerada um processo hermenêutico (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2008: 107).

Emergiram, dos dados analisados, seis categorias diferentes: Política, Surdez, Educação, Oralismo, Língua de Sinais e Língua Portuguesa. Cada categoria foi organizada a partir dos temas reincidentes nas produções escritas de Guimarães. Neste trabalho apenas a categoria denominada Língua Portuguesa será apresentada, pois o intuito é minimizar o mito de que surdo não pode aprender a língua pátria, mesmo que a época de Guimarães e a atual se apresentem distintas em termos de educação.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A categoria Língua Portuguesa tem como objetivo buscar compreender as

representações da Língua Portuguesa para Guimarães, já que a Língua de Sinais era proibida. Os excertos selecionados indicam que o uso da Língua Portuguesa era um recurso indispensável para melhorar a vida dos surdos no meio da sociedade majoritária. Guimarães cita a “mímica”, que era língua de sinais usada na clandestinidade, como uma espécie de auxílio, bem ao contrário da atual época em que a Libras é reconhecida como a língua de comunicação dos surdos brasileiros, desde o Decreto 5626/2005.

A prosa de Guimarães é um suporte de memória para a atual comunidade surda, pode-se dizer que seu trabalho é uma fotografia linguística<sup>1</sup> dos anos 60, com relação ao entorno linguístico dos surdos brasileiros.

Apesar da crença de Guimarães na possibilidade dos surdos fazerem teatro mesmo sem saber o Português, o equívoco central da sua época foi não repensar no potencial comunicativo e expressivo da Língua de Sinais pelo acato ao método oralista. A preocupação dos educadores dos anos 50 e 60 estava em aprimorar o português dos surdos através de sessão de fonoaudiologia ao invés de estimular a capacidade de se expressar de outra maneira linguística conforme Guimarães escreveu em uma de suas crônicas:

No transcorrer da minha existência, tive excelentes preceptores, principalmente a minha devotada amiga Sra. Hilda Werneck, responsável pela maior parte da minha formação, com quem estudei durante mais de 10 anos. Embora não fosse considerada especializada na educação de surdos, ela sempre foi uma grande mestra para mim, pois nunca permitia que eu conhecesse o alfabeto manual, por julgá-lo inadequado para o contato humano. Proporcionando-me os primeiros passos para me ensinar a falar, através dos lábios, D. Hilda me animava a redigir composições sobre quaisquer temas, o que provocou em mim enorme entusiasmo pelo jornalismo. Eu não poderia deixar de exaltar a admirável obra pedagógica do prof. Geraldo C. Albuquerque que vem fazendo em prol das crianças surdas, não me esquecendo, também, de muitos outros que cooperaram orientando-me no estudo de várias matérias, assim como no aperfeiçoamento da minha fala. De cada um deles, conservo uma recordação especial, pois todos eles me deram conselhos muito úteis, o que contribuíram para realizar as minhas aspirações. (GUIMARÃES, 1961, p. 100; publicado originalmente no Jornal das Moças em 29/9/1960).

O excerto acima indica que o escritor surdo via a Língua Portuguesa como a relevância comunicativa tanto na fala quanto na escrita, o que o tornou aspirante a escritor. Pelo teor do mesmo excerto, ele ignorou o tempo que lhe havia consumido para aprender a fazer inúmeras sessões de fala, o que atualmente muitos considerariam uma ‘atividade equivocada’ para surdos que não têm como desenvolver a fala por terem adquirido a Libras ou terem se encontrado na mesma língua. Karnopp e Pereira defendem o respeito às particularidades de

---

<sup>1</sup> Em referência à realidade social.

surdo:

Em se tratando de crianças surdas, a crença na dificuldade em discriminar auditivamente os fonemas parece responder, ainda hoje, por muito tempo gasto em treinamento auditivo e de fala. Treinam-se os fonemas, as sílabas e os vocábulos que serão depois trabalhados na escrita. Além disso, pelo fato de vir de famílias ouvintes, a maior parte das crianças surdas, embora chegue à escola com uma linguagem constituída na interação com as mães ouvintes, não apresenta uma língua na qual possa se basear na tarefa de aprender a ler e a escrever. Assim, sem uma língua constituída, a criança surda inicia o seu processo de alfabetização, o que, ainda na maioria das escolas, se dá por meio do ensino de vocábulos, combinados em frases descontextualizadas. O distanciamento das práticas de leitura e de escrita, somando a pouca ou nenhuma familiaridade com o português, resulta em alunos que sabem codificar e decodificar os símbolos gráficos, mas que não conseguem atribuir sentido ao que leem. (2004, p.35)

A constituição de uma língua depende da educação que criança surda recebe de seus pais ao passo que as alternativas pedagógicas e médicas são estudadas para efetuar sua escolha.

Atualmente as discussões sobre a educação dos surdos sugerem que a primeira língua dos surdos deva ser a língua de sinais e, como segunda língua, a língua nacional nas modalidades escritas e oral.

#### 4. CONCLUSÕES

Os textos de Guimarães permitem compreender as representações de surdez da época, pois ao mesmo tempo que discutem o fracasso da educação ou da situação dos ‘surdos não-falantes’, exalta a medicina e as possibilidades de cura da surdez.

Analizar a memória de grupos estigmatizados, considerados como diferentes, permite analisar as representações, explícitas ou não, que levaram ao alijamento desses grupos pelo grupo social majoritário e, possibilita compreender as memórias e identidades que se forjam na situação de exclusão. Nesse sentido, Félix (1998, p. 45) ressalta que:

Estudar memória, entretanto, é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também, de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos, e, ainda, de uma forma intermediária, que é a permanência de memórias subterrâneas entre o esquecimento e a memória social

O livro de Jorge Sérgio Guimarães é uma preciosidade da história e da memória dos surdos brasileiros e, muito ainda tem a contribuir para compreender a surdez nas décadas de 50 e 60 do século XX no Brasil.

Guimarães, agora reapresentado por esta pesquisa, merece estar registrado na literatura surda e também na brasileira por ser considerado um excelente escritor.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor.** São Paulo-SP: Editora Unesp, 2014.

FÉLIX, L. O. **História e memória: a problemática da pesquisa.** Passo Fundo: UPF Editora, 1998.

FÉLIX, L. O. **Política, memória e esquecimento.** In: TEDESCO, J.C. (Org.) Usos de memórias: política, educação e identidade. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

GUIMARÃES, Jorge Sérgio L. **Até onde vai o surdo.** Rio de Janeiro-RJ: Editora Gráfica Tupy Ltda, 1961.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa.** In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.* Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002. P.90-113.

KARNOPP, Lodenir; PERREIRA, Maria Cristina da Cunha. **Concepções de leitura e de escrita e educação de surdos.** In: LODI, A.C.B e HARRISON, K.M.P (Orgs). Leitura e escrita no contexto da diversidade. Porto Alegre-RS: Editora Mediação, 2004.